

PLANO MUSEOLÓGICO DO FUTURO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA: ENTRE UNIVERSITÁRIO E REGIONAL

OLIVEIRA, Estefany Pereira¹; SANCHES, Pedro Luís Machado²

¹ Universidade Federal de Pelotas – Acadêmica do Bacharelado em Museologia; estefany_rs@yahoo.com.br; ² Universidade Federal de Pelotas – Departamento de Museologia, Conservação e Restauro; plmsanches@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão apresentadas as atividades referentes ao Projeto de Implantação do Museu de Arqueologia e Antropologia, mais especificamente a criação de seu Plano Museológico e suas decorrências relativas às tipologias relacionadas ao futuro museu.

O local de funcionamento foi previamente definido: um casarão oitocentista na principal praça da cidade de Pelotas. A partilha do espaço imponente com o “Museu do Doce de Pelotas” foi também pré-determinada.

Em 2009, a Universidade Federal de Pelotas deu início ao restauro emergencial do Casarão com o intuito de conter o processo de degradação que o prédio sofria em função da ação do tempo, da falta de manutenção e de cuidados adequados.

O prédio, conhecido por todos como “Casa 8”, é mais que um ponto de referência central, tem evidente valor simbólico. Foi casa do célebre conselheiro Maciel e esteve incluído no primeiro ato de tombamento ocorrido na cidade, em 1977, por iniciativa do professor Adail Bento Costa, que contou, para tanto, com grande mobilização popular (Schlee 2008).

Segundo o Estatuto dos Museus o Plano Museológico

“...é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica pra a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade”. (Lei Federal 11.904, 2009).

Considerando essa premissa, o plano museológico do futuro Museu de Arqueologia e Antropologia da “Casa 8” assumiu o objetivo de ser plural e multidisciplinar. Deverá abrigar espaços expositivos permanentes e temporários, um setor educativo, e ao menos um laboratório de restauro de artefatos cerâmicos, além de espaços compartilhados de acolhimento, convivência e pesquisa.

O projeto destinado a planejar a implantação do museu, acompanhar os trabalhos de restauração e adequação do edifício, além de promover sua museografia, conta atualmente com a participação de professores e estudantes das áreas de Museologia, Conservação e Restauro, Antropologia e Arqueologia.

As tipologias museais prevêm a existência de museus universitários, com o declarado propósito de serem [...] instituições científicas com responsabilidades

culturais e sociais, junto às sociedades que lhes proporcionam apoio financeiro, matéria-prima para o trabalho e, sobretudo, desafios constantes. (BRUNO, 1997) por outro lado, sobre os museus regionais sabemos que [...] o acervo muitas vezes, refletia a natureza geral do local. Estes museus locais e regionais também tiveram um papel importante na promoção do orgulho cívico[...] (ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004)

A implantação do futuro museu arqueológico e antropológico da “casa 8” requer a reflexão acerca destas tipologias, uma vez que compartilha características com ambas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O PROCESSO DE PLANEJAMENTO

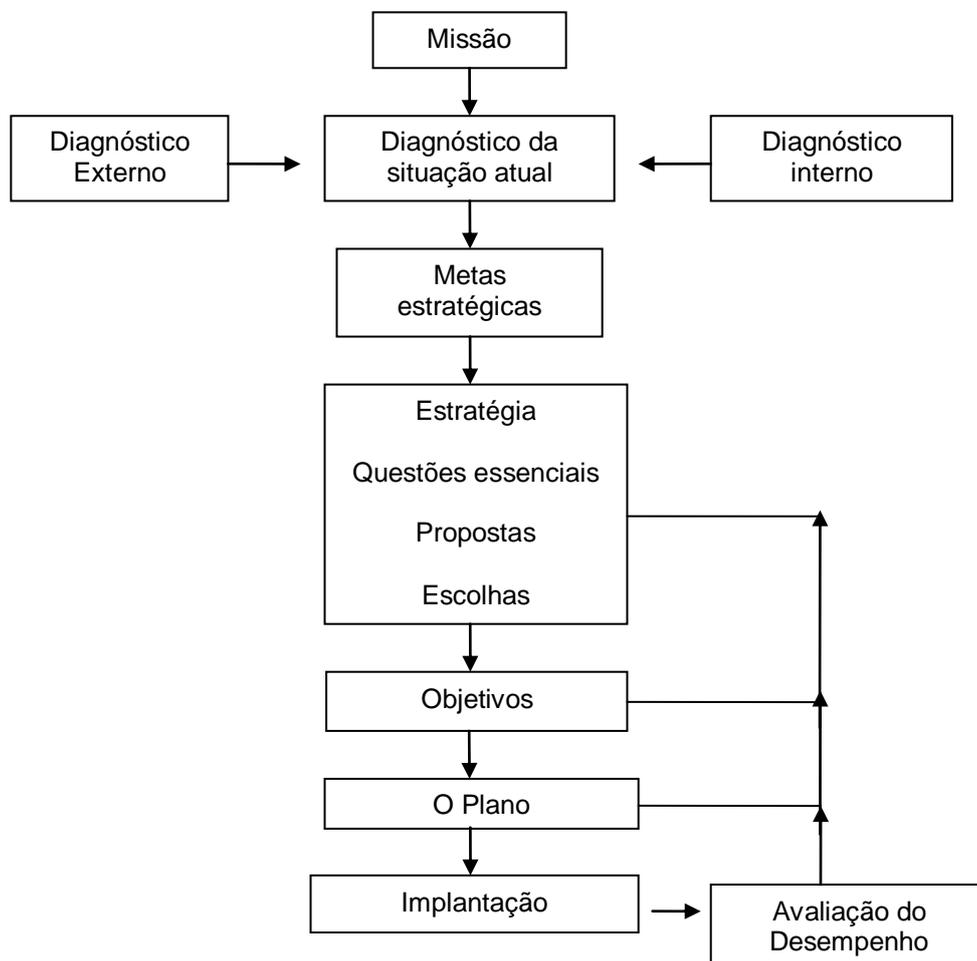


Figura 1 – modelo para o processo de elaboração do plano diretor. Fonte: MUSEOLOGIA ROTEIROS PRÁTICOS – PLANO DIRETOR.

A Missão do futuro museu procura definir sua inserção social ao valorizar inicialmente a memória do próprio edifício e de seus ocupantes, indo de sua fachada até as úmidas salas do subsolo, reconhecendo e evidenciando relações inerentes aos vários grupos sociais que estiveram inseridos neste ambiente. Dirige-se a um público diversificado, uma vez que propõe a multidisciplinaridade e uma abordagem pluralista da cultura; seu organograma tende a ser, portanto, horizontal e as atividades às quais se dedicará têm como exemplo pesquisas, possíveis simulações

de escavações, exposições concebidas com o acervo retirado de escavações arqueológicas feitas no próprio casarão no ano de 2002, uma seleta coleção, que se encontra no Leeparq, dotado de 5682 fragmentos inventariados (louça fina, cerâmica, vidro, metais, ossos, outros vestígios orgânicos e fragmentos arquitetônicos).

O espaço físico destinado ao futuro Museu Arqueológico estava previsto no primeiro projeto de uso da Casa 8 por parte da UFPEL, elaborado em 2007 por encomenda da Fundação Simon Bolívar (SOSA, Fernando Emílio, INÉDITO, 2007), e foi mantido em todas as atualizações deste projeto, inclusive em seu zoneamento definitivo, executado pela arquiteta Simone Neutzling em maio de 2010 (NEUTZLING, Simone. Planta Proposta de Uso. 2010) e aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Cabe ao plano museológico definir a ocupação deste espaço físico e para tanto foram previstos: um local de trabalho e estudo onde profissionais de diversas áreas estarão em contato constante com o público, e onde o público verá a prática científica em processo e fará parte delas em ações integradas de educação e pesquisa, um laboratório de restauro de materiais arqueológicos, salas de exposição de longa e curta duração, espaço para oficinas e ações educativas no pátio e no subsolo (dada a dificuldade de manutenção deste espaço (de pé direito baixo e umidade excessiva, o que torna o espaço insalubre e demanda altos investimentos para torná-lo adequado), um auditório/sala de projeções, além de áreas de acolhimento e de convivência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, após várias elucidações sobre tipologias de museus, percebemos que o futuro Museu de Arqueologia e Antropologia compartilha características com mais de uma tipologia.

Enquadra-se na categoria universitário uma vez que está ligado a UFPEL e tem a mesma como sua provedora, mas vai além por ter em seu objetivo um papel social, extrapolando assim os muros da universidade, expondo o processo de produção da pesquisa ao público.

Em sua missão também se pode encontrar características de um Museu Regional, já que pretende mostrar o trabalho dos inviabilizados (estucadores, escultores e pintores) que trabalharam no próprio casarão, a temática indígena da região e a repatriação de alguns objetos.

4 CONCLUSÃO

Segundo Hugues de Varine:

“ [...] os museus tradicionais não são mais dinossauros, pois eles mudaram, quer dizer trocaram de natureza. Então ao contrário dos dinossauros, não vão desaparecer, mas vão constituir novas categorias [...]. Em todo o caso, a definição puramente funcional do ICOM não convém mais, pois ela não menciona os objetivos do museu. Esta definição não é museológica, ela é essencial museográfica.”

Considerando a citação acima e analisando todos os textos já mencionados neste trabalho aliados a missão que o museu se propõe, podemos concluir que o Museu de Arqueologia e Antropologia da UFPEL se enquadrará em uma das novas categorias observadas por Hugues de Varine, uma vez que este museu não se enquadra plenamente em nenhuma tipologia descrita, e sim compartilha características de mais de uma tipologia.

Independente de ser universitário ou regional, o museu arqueológico e antropológico da UFPEL, pretende cumprir com o papel a que se destinou desde o princípio, o de ser multivucacional e agregador de vários grupos sociais.

5 REFERÊNCIAS

BRUNO, Cristina. Museologia e Museus: princípios, problemas e métodos. **Cadernos de Museologia n.º 10** Lisboa: Centro de Estudos de SocioMuseologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, p.53-58, 1997.

_____. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, de abandono, de mudança. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.º 6. São Paulo: EDUSP, p.293-313, 1996.

ESTATUTO DOS MUSEUS – Lei N.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

LEWIS, Geoffrey. O Papel dos Museus e o Código de Ética Profissional. **Como Gerir um Museu: Manual Prático**. ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004.

RESPOSTA DE HUGUES DE VARINE ÀS PERGUNTAS DE MÁRIO CHAGAS. In: MENEZES, Ulpiano Bezerra. **Cadernos de Museologia n.º5**. Lisboa: Centro de Estudos de SocioMuseologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, p. 5-21, 1996.

DAVIES, Stuart; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. **Roteiros Práticos** – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. – (Série Museologia, 1)